SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint foi publicado em outro meio.
DOI do preprint publicado: https://doi.org/10.9771/ccrh.v39i0.71779

Desinformação e engajamento em redes online da extrema direita: moderadores e interfaces

Priscilla Dibai, Frederico Oliveira

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

Submetido em: 2026-07-29
Postado em: 2026-07-29 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

Caderno CRH
Revista de Ciências Sociais do Centro de Estudos e Pesquisas em Humanidades da Universidade Federal da Bahia
ISSN 0103-4979 (versão impressa) ISSN 1983-8239 (versão on-line)

ARTIGO

Desinformação e engajamento em redes online da extrema direita: moderadores e interfaces

Priscilla Dibai[1]

Frederico Oliveira[2]

Resumo: O artigo investiga como a desinformação circula em grupos de extrema direita no WhatsApp e Telegram, enfatizando a atuação conjunta entre moderadores humanos e recursos das interfaces, para fins de engajamento e administração da base de apoiadores. O estudo combina métodos qualitativos e quantitativos: descrição passo a passo das interfaces das plataformas, levantamento da frequência de postagens, acompanhamento e análise de tópicos de conteúdos. Os resultados demonstram que os moderadores humanos desempenharam papel central na gestão de crises narrativas, ao mesmo tempo em que as ferramentas das plataformas facilitaram a manutenção da coesão interna e a difusão de enredos alinhados ao bolsonarismo. Conclui-se que as interfaces não apenas permitem a circulação de conteúdos falsos, mas atuam como elementos ativos na produção e reforço às campanhas de medo e hostilidade, fundamentais aos processos de organização e ativação da militância extremista no Brasil. De forma geral, o estudo contribui para compreender a plataformização da militância política e o papel da mediação técnica e humana na radicalização política digital.

Palavras-chave: desinformação, pânico moral, WhatsApp, Telegram, bolsonarismo.

Disinformation and engagement in online far-right networks: moderators and interfaces

Abstract: This article investigates how disinformation circulates in far-right groups on WhatsApp and Telegram, emphasizing the joint action of human moderators and interface features for engagement purposes and for managing and mobilizing supporter bases. The study combines qualitative and quantitative methods, including a walkthrough description of platform affordances, an analysis of posting frequency, and the monitoring and discursive topic analysis of shared content. The results show that human moderators played a central role in managing narrative crises, while platform tools facilitated the maintenance of internal cohesion and the dissemination of narratives aligned with Bolsonarism. The study concludes that interfaces not only enable the circulation of false content but also act as active elements in the production and reinforcement of campaigns

[1] Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Disputas e Soberanias Informacionais (INCT-DSI). Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis. CEP: 24210-201. São Domingos, Niterói – Rio de Janeiro – Brasil. pdibai@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0001-9181-7734

[2] Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). SAUS Quadra 5, Lote 6, Bloco H. CEP: 70.070-912. Brasília – Distrito Federal – Brasil. fredericooliveira@ibict.br
https://orcid.org/0000-0001-5653-5715

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

of fear and hostility, which are fundamental to the organization and activation of extremist militancy in Brazil. Overall, the article contributes to understanding the platformization of political militancy and disinformation, as well as the role of technical and human mediation in digital political radicalization.

Keywords: disinformation, moral panic, WhatsApp, Telegram, bolsonarism.

Desinformación y participación en redes en línea de la extrema derecha: moderadores y interfaces

Resumen: Investiga cómo circula la desinformación en grupos de extrema derecha en WhatsApp y Telegram, enfatizando la actuación conjunta entre moderadores humanos y recursos de las interfaces con fines de participación y administración de la base de simpatizantes. El estudio combina métodos cualitativos y cuantitativos: descripción paso a paso de las interfaces de las plataformas, relevamiento de la frecuencia de publicaciones, seguimiento y análisis temático de los contenidos. Los resultados demuestran que los moderadores humanos desempeñaron un papel central en la gestión de crisis narrativas, al mismo tiempo que las herramientas de las plataformas facilitaron el mantenimiento de la cohesión interna y la difusión de relatos alineados con el bolsonarismo. Se concluye que las interfaces no solo permiten la circulación de contenidos falsos, sino que actúan como elementos activos en la producción y el refuerzo de campañas de miedo y hostilidad, fundamentales para los procesos de organización y activación de la militancia extremista en Brasil. En términos generales, el estudio contribuye a comprender la plataformización de la militancia política y el papel de la mediación técnica y humana en la radicalización política digital.

Palabras-clave: desinformación, pánico moral, WhatsApp, Telegram, bolsonarismo.

1 Introdução

O artigo propõe analisar como moderadores — noção que, neste texto, envolve uma amálgama entre as interfaces que permitem apagar conteúdos e bloquear usuários e administradores humanos — se confirmam como elementos centrais para a compreensão da atuação militante e da disseminação de pânicos e desinformação em grupos on-line de política em aplicativos de mensageria instantânea. Também esclarece sobre a formação e ativação de ondas de medo e seus efeitos de engajamento e manipulação da opinião pública.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

Sustenta-se que a atuação conjunta de interfaces e usuários participa da estratégia de produção e difusão de conteúdos específicos — desinformação sistemática e sucessivas campanhas de medo e angústia social — , bem como da orquestração da opinião e dos laços sociais. Embora não seja o único fator que explica a comunicação e interação nos grupos, essa análise lança luz sobre as estratégias de organização de espaços on-line de militantes e a formação e ativação de pânicos.

A literatura já associa as *affordances* das plataformas à distribuição de conteúdos falsos, no formato de cascatas de desinformação (Sunstein, 2009, Recuero; Gruzd, 2019; O'Connor; Weatherall, 2019, Calvo; Aruguete, 2020, Oliveira; Lemos, 2025). Entre as diversas formas de desordem informacional, o pânico moral — fenômeno comunicacional que explora medos sociais para mobilizar apoio político (Cohen, 2011) — é um dos apelos recorrentemente acionados pela extrema direita brasileira, em suas comunidades on-line, inclusive aquelas com moderação humana (Dibai, 2024).

Os grupos operados por essa direita mais radical são alimentados por atores profissionais e voluntários (Albuquerque; Alves, 2023, Piaia; Alves, 2020). Chagas (2019), por exemplo, aponta que grupos de WhatsApp na eleição de 2018 foram marcados pela "combinação entre um modelo de difusão da informação orgânica e uma estrutura piramidal com alto grau de profissionalismo". Outros estudos sugerem a existência de uma rede ampla de circulação e produção de conteúdo coordenada pelo bolsonarismo, sendo os aplicativos de mensageria peças centrais desse sistema maior (Cesarino, 2019; Albuquerque; Alves, 2023).

A partir disso, a análise proposta busca articular esses referenciais à observação empírica de grupos de WhatsApp e Telegram, destacando a centralidade das interfaces e dos moderadores humanos na produção e disseminação de desinformação e pânicos. Por

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

se tratarem de plataformas sem intervenção algorítmica direta (Gomes, 2024), são espaços ideais para que se perceba a atuação das interfaces. Destacam-se, nesse contexto, os mecanismos de moderação — ainda que se reconheça que a materialidade da plataforma, em sentido amplo, também incida sobre a forma como os conteúdos são apresentados. Toma-se como casos empíricos: o debate sobre o *kit gay* após as eleições de 2018 e a saída do ex-ministro Sérgio Moro do governo Bolsonaro, em abril de 2020. A seleção dos casos se dá por sua relevância no debate político nacional e por serem temas eminentemente políticos[3].

Tal discussão é importante para entender a atuação da direita radical no país, especialmente suas estratégias, recursos e efeitos em sociedades plataformizadas. Também reafirma o papel central das comunidades ideológico-partidárias on-line nas lutas políticas recentes, enquanto estruturas de atração, organização e (de)formação da opinião pública. Destaca, ainda, a relevância das ferramentas digitais e suas interfaces na organização e influência da militância política.

2 Pânicos, interfaces e engajamento

A disseminação de medo tem sido uma estratégia recorrentemente usada pelas lideranças da extrema direita brasileira para unificar, influenciar e engajar sua base de apoio. Para entender mais sobre o papel do medo nas disputas político-narrativas, buscou-se a teoria do pânico moral (Cohen, 2011; Hall *et al*., 1978; Goode; Ben-Yehuda, 2009; Critcher, 2015), fenômeno relevante que não só reconhece a natureza discursiva e emotiva dessas campanhas, mas sua força imprecisa e manipuladora, que, fabricadas como reais, afetam e influenciam a opinião pública. De forma geral, a estratégia funciona porque

[3] Embora os pesquisadores tenham acompanhado os grupos durante a pandemia de Covid-19, optou-se por desconsiderar tal caso nesta análise, tendo em vista sua dimensão e repercussão. Enquanto *kit gay* e a saída do ex-ministro Sérgio Moro são temas que reverberam principalmente na agenda política, a Covid-19 envolve temáticas diversas, assim como tem um volume de mensagens muito maior e difuso, o que implicaria em diferentes vieses e rotas de análise.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

explora medos sociais prévios — da desordem, da mudança de valores, do futuro instável etc. —, que são retroalimentados em temas do cotidiano e instrumentalizados para parecerem graves e iminentes.

Stanley Cohen (2011), que formulou o conceito de pânico moral, afirma que determinados agentes mobilizam angústias sociais para construir problemas, ameaças e inimigos que não existem nos termos em que são enunciados, com o objetivo de desestabilizar o público e viabilizar a adoção de medidas de controle e restrição de direitos sobre certos grupos sociais, em geral, os mais vulnerabilizados. Stuart Hall e colaboradores (1978) reforçam o *modus operandi* do fenômeno ao sustentar que a dimensão, a intensidade e a periculosidade das ameaças propagadas em episódios de pânico moral são, na maioria das vezes, construções exageradas, marcadas pelo esvaziamento e pela distorção dos eventos reais.

Pensando no contexto brasileiro, autores identificam que nem sempre o risco explorado pelo bolsonarismo tem base na realidade, ou seja, nem sempre existem evidências empíricas que o sustente (Dibai, 2024; Miguel, 2021). Nesses casos, os enredos que mobilizam o medo assumem forma substancialmente fictícia e delirante. É o caso das campanhas envolvendo comunismo, hegemonia satanista (ou algo como "cristofobia", suposta ideologia que odeia e quer erradicar o cristianismo no mundo), "abortismo" em massa e educação na escola primária que converte crianças em *gays* e lésbicas[4] (Dibai, 2024).

[4] Embora esses discursos não sejam novos - sobretudo o pavor ao comunismo e ao satanismo -, nota-se um revigoramento em seus usos, que passaram a assumir um tipo de posição "coringa", a reforçar a natureza polarizante e sistemática da disputa empreendida contra a esquerda.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

Nessas situações, tem-se o que poderíamos chamar de “cruzadas” (Thompson, 2005), que seriam uma forma mais radical e emotiva de pânico (espécie de subconceito), a incluir perseguição e cerco moralizador contra *outgroups*, alto engajamento, polarização extrema e grande capacidade de “fazer barulho” em torno da agenda de interesse. No geral, as características das ações indicam se tratar de um movimento organizado, podendo ser mais grupais, específicas e limitadas numericamente do que o pânico moral em si (Machado, 2004).

A partir da estratégia do pânico, o bolsonarismo promove *call-to-action*, ou seja, um tipo de chamada à ação, que vem permeada por um imperativo moral cognitivamente ressonante com a militância (Calvo; Aruguete, 2020). Esse tom convocatório, indignado e urgente é fundamental ao engajamento e ao clima de guerra contínuo, criado junto aos partidários. Mesmo parecendo espontânea, a reação dos apoiadores é organizada e conduzida por uma série de ações planejadas.

E como os pânicos engajam? Para responder a essa pergunta, a literatura aponta para a existência de certos padrões. Conforme Cohen (2011), há etapas que incluem desde o enquadramento do incômodo como perigo nacional até a sensibilização da opinião pública para certas intervenções e freios sociais. Entre as principais características dos pânicos estão: intensa hostilidade; alto grau de distorção (o aspecto interpretativo extrapola e/ou esvazia evidências factuais); drasticidade (sensação de urgência diante de caos iminente, ideia de que limites foram ultrapassados e que algo gravíssimo vai acontecer); desproporcionalidade e exagero (superestimação dos riscos; invenção de danos; construção de estado de cerco), além de apelo a soluções autoritárias e excludentes, visando controle sobre grupos adversários (Cohen, 2011).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

Nesse processo, é fundamental a construção de um terreno coletivo comum para a infiltração do discurso-afeto do medo. No caso da extrema direita, os grupos têm servido como esses locais de atração, organização e forjamento de uma identidade ultradireitista, a partir de relações de homofilia (Canavilhas; Colussi; Moura, 2019) e busca por ressonância cognitiva (Calvo; Aruguete, 2020).

Com a ativação de um quadro convergente de crenças/pautas, o bolsonarismo deu cabo à estratégia de converter divergências em danos e/ou perdas sociais, como se o problema anunciado representasse uma grande desordem, quebra de valores ou ruptura irreversível, a fim de gerar/ampliar inseguranças e, com isso, incitar os apoiadores à luta política. Disparadas nas plataformas, essas narrativas circularam de forma mais intensa, massiva e contínua, com traços cada vez mais dramáticos, segregativos, simplificadores e ficcionais, alimentados por grupos de partidários anônimos e altamente engajados[5]. Potencializadas pelo ambiente digital, as divergências passaram a ser constantemente vigiadas, denunciadas e ressignificadas, tornando a "guerra" contra os inimigos mais efetiva, hostil, retroalimentável e quase permanente (Walsh e Hill, 2023).

2.1 Interfaces e moderadores

Em uma cultura digital marcada pela plataformização, dataficação e performatividade algorítmica[6] (Lemos, 2020), as redes sociais digitais e os aplicativos de

[5] Em função dessa adaptação e da circulação dos discursos de pânicos em redes on-line, o artigo aborda o fenômeno como pânicos digitais.

[6] A plataformização é entendida como "a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida", definem Poell, Nieborg e Van Djick (2020). Coloca em xeque alguns pressupostos antes mais estáveis, a exemplo de agência e ambiente, indivíduo e sistema, particularismo e universalismo (Cesarino, 2022). Por sua vez, a

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

mensageria instantânea têm significativa relevância na comunicação política e na organização das militâncias (Gomes, 2024). Além disso, são relevantes no ecossistema da desinformação, participando diretamente da produção, disseminação, consumo e refutação de conteúdos falsos (Oliveira; Lemos, 2025). Há de se pontuar, neste sentido, que a internet deixou de ser entendida como instrumento que robustecia a participação política e as lutas emancipatórias (Castells, 2013) para ser compreendida como arena na qual os diversos atores disputam visibilidade e poder (Tucker et al., 2018).

A literatura destaca a relação entre interfaces e circulação de conteúdos falsos, demonstrando que as interfaces das plataformas produzem tipos específicos de desinformação, determinam estratégias para que a circulação de um conteúdo falso seja ampliada (Bakir, Mcstay, 2017, Bacarella et al., 2018, Tandoc; Lim; Ling, 2017, Torres; Gerhart; Negahban, 2018, Cesarino, 2022, Lee; Wei, 2022) e definem condições para a refutação de conteúdos falsos (Oliveira; Lemos, 2025). De tal modo, "a análise das interfaces e do processamento algorítmico dos dados é fundamental para entender as plataformas como agentes importantes na produção do fenômeno e não apenas como veículo para pessoas mal-intencionadas" (Oliveira; Lemos, 2025, p. 19).

No caso dos aplicativos de mensageria instantânea, como WhatsApp e Telegram, a ausência de mediação algorítmica direta (Gomes, 2024) oferece condições para analisar a intervenção direta das interfaces na formatação de conteúdo distribuído, assim como seu funcionamento como recurso de moderação. Como a análise da interface do

dataficação é o processo de produção e extração de dados sobre o mundo, alimentando sistemas algoritmicos que promovem a curadoria de conteúdo informacional que acessamos e fazem-fazer: a performatividade algoritmica (Lemos, 2020).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

WhatsApp já foi conduzida em pesquisa anterior (Oliveira; Lemos, 2025), prioriza-se neste trabalho as ferramentas de gestão de grupos do Telegram.

Não se pode olvidar, no entanto, que os conteúdos de outras plataformas – essas, sim, sob curadoria algorítmica – circulam no Telegram e WhatsApp (Gomes, 2024). Machado e colegas (2020) demonstram uma *pipeline* YouTube — WhatsApp, enquanto os relatórios produzidos por Melo e colaboradores (2020) apontam grande compartilhamento de *links* de outras redes sociais no WhatsApp[7]. Ainda que os grupos on-line sejam um espaço ímpar para compreender a intervenção das interfaces na formatação e distribuição de conteúdos, não se trata de um espaço imune à curadoria algorítmica de outras plataformas.

Vale destacar, ainda, a proximidade existente entre os grupos on-line, páginas hiperpartidárias e canais do YouTube, como cita o Inquérito 428/DF do Supremo STF, sobre os atos antidemocráticos (Brasil, 2020). O documento também aponta cascatas de (des)informação distribuídas no Twitter, bem como a relação entre WhatsApp, Telegram e YouTube. Durante a observação dos grupos que compuseram esta pesquisa, identificou-se usuários que se apresentavam como editores ou jornalistas dos sites *Jornal da Cidade Online* e *News Atual*, que sempre compartilhavam URLs de seus veículos nas comunidades.

Sobre a gestão dos grupos on-line, alguns autores sinalizam a existência de profissionalização na administração das comunidades (Chagas, 2019), enquanto outros

[7] Chama a atenção, nos relatórios, a ausência de *links* para o TikTok, o que pode ser explicado porque a plataforma, na época de coleta dos dados, permitia o *download* dos vídeos, que poderiam ser republicados pelo usuário.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

defendem a ação orgânica, sem coordenação e com grande capilaridade (Gomes, 2024). Na análise realizada, encontrou-se tanto participação orgânica quanto um estafe de administradores previamente definido, com presença frequente e atuante no dia-a-dia e na organização da interação.

Em termos de recursos oferecidos, o WhatsApp permite grupos com até 1.024 participantes, já o Telegram possibilita até 200 mil pessoas em uma mesma comunidade on-line. A interface do WhatsApp apaga metadados quando uma foto ou vídeo é enviada, atualizando os conteúdos constantemente; já a interface do Telegram permite maior rastreabilidade, já que uma mensagem compartilhada é enviada com a indicação do autor original e data de postagem.

O Telegram permite que o usuário se identifique com apenas um nome (que pode ser qualquer palavra), garantindo privacidade ao número de telefone e, por consequência, anonimato. Também libera bots, proíbe o envio de mídias em determinados horários e permite, com um só comando, a exclusão de todas as postagens do grupo, deletando os rastros (Dibai, 2024). WhatsApp e Telegram permitem aos administradores apagar comentários de membros e controlar suas participações.

3 Procedimentos metodológicos

Considerando o objetivo, optou-se por uma pesquisa exploratória, descritiva e analítica, com abordagem qualitativa, a partir de observação não participante, buscando a análise de grupos de mensageria on-line de extrema direita no WhatsApp e Telegram. Para a investigação, foi necessária a construção de metodologias adaptadas conforme cada caso e plataforma, de forma a reunir dados suficientes e compatíveis a cada

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

acontecimento. Ressalta-se que os grupos analisados foram acompanhados por um período de dois anos e os relatos aqui apresentados restringem-se a dois casos específicos: o debate sobre o *kit gay* nas eleições de 2018 (WhatsApp) e a saída do ex-ministro Sérgio Moro do governo Bolsonaro (Telegram)[8]. O Quadro 1 apresenta o desenho metodológico da pesquisa:

Quadro 1 - Quadro metodológico da pesquisa

Fontes	Coleta e tratamento	Análise	Resultados
Interfaces de aplicativos	Captura de tela e relato da observação.	Método passo a passo.	Identificação de recursos das interfaces que participam da moderação.
Grupo no Telegram (1)	Observação não participante e diário de campo. Seleção de eventos para análise.	Análise de interações entre administração e membros do grupo.	Identificação de eventos com maior intervenção dos moderadores e instrumentos utilizados.
Grupos no WhatsApp (7)	Observação não participante e diário de campo. Seleção de eventos para análise.	Análise de interações entre administração e membros do grupo.	Identificação de eventos com maior intervenção dos moderadores e instrumentos utilizados.
Mensagens em *chats* no Telegram (Caso Moro) - cerca de 40 mil.	Exportação diária das mensagens. Tratamento automatizado do texto.	Tópicos (LDA)	Identificação de temáticas mais debatidas no grupo.

Fonte: Produzido pelos autores, 2026

3.1 Seleção, entrada e coleta dos dados

As estratégias de seleção de grupos e coletas de dados distinguem-se, considerando os objetivos de cada etapa. Para a observação dos grupos no WhatsApp,

[8] Aponta-se que a própria natureza distinta das interfaces dos aplicativos torna difícil sua comparação em um mesmo caso. Além disso, alguns grupos de debate político no WhatsApp acompanhados pelos autores foram apagados, tanto em função de decisões judiciais quanto por brigas internas e/ou sequestro.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

foram seguidas as orientações de Resende e colegas (2018): a) busca na internet por convites (*links* de convites) para grupos públicos; b) tentativas de inserção nos grupos; e c) extração dos dados. Os convites foram encontrados em buscadores on-line a partir de termos relacionados à extrema direita (“Bolsonaro”, “direita”, “conservador”). A partir da entrada nos primeiros grupos, foi possível identificar outros, a partir de *links* compartilhados nas conversas. Os pesquisadores participaram de mais de dez grupos, porém alguns foram sequestrados e deixaram de fazer parte do *corpus*. O número final de grupos acompanhados foi de sete grupos.

A análise dos dados, no geral, foi desenvolvida a partir do diário de campo da observação não participante, que envolveu leitura sistemática dos conteúdos, identificação do papel de cada ator (membros comuns x administradores) e os recursos das interfaces materializados durante a conversação. Em função disso, não há um cômputo do número total de mensagens, considerando que a investigação focou especialmente em momentos de conflito, troca ou atuação direta dos administradores.

No Telegram, optou-se por acompanhar uma única comunidade com um grande número de inscritos (grupo *Exército do Bolsonaro*[9], com média de 30 a 40 mil inscritos). A escolha da comunidade se deu após uma busca no *app*, com o termo “Bolsonaro”. A partir daí, selecionou-se a que aparecia, à época, com o maior número de participantes. O ingresso aconteceu por meio de *link* de convite, disponibilizado na *bio* da página. Os dados foram extraídos via Telegram *Desktop*, possibilidade permitida pela própria

[9] Atualmente, o grupo aparece sob a denominação *Deus tem propósitos*, numa tentativa de driblar a Justiça, sendo acessível apenas por meio de rede de navegação privada (VPN), em razão de decisão do TSE que restringiu seu acesso no Brasil, em 2022.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

plataforma, que baixa e separa os arquivos conforme o tipo (áudio, foto, vídeo, stickers etc.).

No caso Sérgio Moro, coletou-se todas as mensagens produzidas no grupo do Telegram, nas primeiras 48 horas da ocorrência (de 24/04/20, às 10h, a 26/04/20, às 10h), resultando em um total de aproximadamente 40 mil[10]. No WhatsApp, as características da interface e a natureza da análise não permitiram computar o número exato de postagens. Isto porque quando as mensagens dos grupos foram exportadas, não havia *id* específico por mensagem e era necessário tratamento específico. Como o objetivo, naquela etapa, era observar os grupos, não se fez tal tratamento. Cabe apontar, contudo, que se acompanhou a discussão sobre o *kit gay* durante a eleição (meses de agosto, setembro e outubro) de 2018.

A análise desenvolvida no WhatsApp envolveu a descrição das interfaces pelo método passo a passo (Light; Burguess; Duguay, 2018) e análise de conteúdo detalhada em textos anteriores (Oliveira, 2023), que envolveu captura de telas, assim como o desenvolvimento de diários de campo, em que se registrou, com sistematicidade, as principais dinâmicas, usos, relações e achados.

3.2 Análise de tópicos (LDA)

Para além da análise tradicional das mensagens — leitura sistemática, acompanhamento das ondas discursivas e análise rigorosa dos dizeres e sentidos, realizadas em ambos os aplicativos -, optou-se pelo uso de ferramentas automatizadas de

[10] Esse montante inclui texto, vídeo, imagens e *stickers*, sendo calculado a partir dos *ids* de cada mensagem.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

análise de texto no caso investigado no Telegram, em função do elevado número de postagens acumuladas. Para tanto, utilizou-se a plataforma Orange, por meio da qual se realizou uma análise de tópicos utilizando inferência estatística por meio de alocação latente de Dirichlet (LDA). O objetivo principal dessa combinação de técnicas foi confirmar os achados e robustecer as conclusões.

As mensagens do grupo *Exército Bolsonaro* foram exportadas em um arquivo separado por vírgulas (*.csv*) e fez-se o tratamento do texto (retirada de *stopwords*, *stemming*, lematização etc.). As mensagens foram anonimizadas e agrupadas por horário de publicação e, para cada hora, fez-se a análise de tópicos por meio de LDA, que indicou a estrutura latente de temas que organizam um grande número de mensagens, os tópicos mais frequentes e as palavras por tópico. Nesta etapa, foram consideradas mensagens de texto compartilhadas entre às 10h do dia 24/04/20 e às 00h do dia 25/04/20. Tal recorte enfocou o pico das intervenções dos moderadores.

Essa estratégia de análise possibilita a leitura dos principais assuntos debatidos no grupo, mas não está livre de interferências. Pode-se destacar ainda as limitações do método (o número de tópicos solicitado pode não ser o indicado, o que demanda testagem; o tratamento do texto interfere nos achados; a análise sintática, e não semântica, ignora ironia e figuras de linguagem; há possibilidade de ambiguidade interpretativa em relação a certos tópicos etc.).

O volume de dados e a natureza da conversação em grupos on-line (instantânea, fluxo contínuo, erros de grafia e pontuação, múltiplos atores, intensa fragmentação etc.) se confirmaram como um desafio à pesquisa. Para evitar perdas e desfoques, os autores se concentraram em documentar eventos em que o grupo era fechado para novas

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

postagens, em que conteúdos eram apagados e pessoas banidas, o que demandava observação constante. No Telegram, por exemplo, a mera exportação dos dados não permitia identificar tais usos, já que o grupo tinha o histórico apagado semanalmente — às vezes, diariamente.

Ainda que não se possa afirmar a representatividade numérica ou probabilística do material analisado nem se ele corresponde ao conteúdo mais compartilhado nos mensageiros, tal situação não compromete os resultados da pesquisa. A análise empreendida não se orienta por critérios de generalização estatística, mas pela compreensão aprofundada das dinâmicas internas em grupos on-line de apoio político. A pesquisa ancora-se na estratégia de análise de eventos (Bucher, 2018), articulada à descrição das interfaces e à análise de tópicos, como forma de apreender as lógicas de funcionamento desses ambientes digitais.

Tal abordagem permite identificar, em situações específicas, quando, onde e de que modo se manifestam práticas de agência, evidenciando não apenas conteúdos, mas também as formas de circulação, negociação e disputa de sentidos. Em outras palavras, o foco desloca-se da representatividade para a análise situada das interações, possibilitando descrever e interpretar as dinâmicas, trocas comunicacionais e estratégias mobilizadas no interior dos grupos analisados.

Aspectos éticos relacionados à pesquisa em apps de mensageria instantânea são discutidos por Piaia e colegas (2022) e Hidalgo, Santos e Barbosa (2024). Neste trabalho, optou-se pela anonimização dos usuários, mas se manteve a reprodução na íntegra de mensagens. Essa decisão se justifica pelo fato de que o material analisado já não se

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

encontra disponível: os grupos investigados foram desativados e as mensagens eram apagadas quase que diariamente pela própria dinâmica de moderação existente.

4 A interface como moderadora

Pensar a permissibilidade das interfaces como um recurso de moderação é importante para compreender o debate em grupos on-line. Não basta considerar o modo como os aplicativos de mensageria instantânea formatam as mensagens e as apresentam (Oliveira; Lemos, 2025), sendo fundamental compreender que tais interfaces atuam diretamente na gestão de grupos on-line e na conformação do debate público.

O primeiro grupo analisado foi o ZapBolsonaro, *hub* de grupos do WhatsApp por meio do qual se chegou a uma centena de outros (de diferentes localidades, estados, gêneros e temáticas). O número elevado de comunidades não somente respondia às limitações da interface do WhatsApp – que não permite grupos com muitos usuários – mas também atendia a necessidade de microgrupos, garantindo capilaridade. Embora fossem grupos, eram configurados de forma que apenas os administradores pudessem enviar mensagens, funcionando efetivamente como lista de transmissão[11]. Na descrição do grupo, encontrava-se a justificativa para a adoção desse formato: “Dessa forma [com o controle do conteúdo pelos administradores], MANTEMOS O FOCO e evitamos postagens de marketing, conteúdos pornográficos, discussões desnecessárias e, principalmente, a atuação de agentes provocadores”. Nesse arranjo, a gestão da militância

[11] Embora a lista de transmissão permita a distribuição de mensagens, apenas usuários que possuem o número do remetente salvo na agenda recebem tais postagens. Ademais, as mensagens são encaminhadas em *chat* privado, o que reduz a sensação de comunidade – e a sensação de que determinado assunto está sendo comentado por todos (*astroturfing*).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

assume um caráter mais direto e centralizado, cabendo aos membros, sobretudo, aderir ao discurso previamente estabelecido.

No caso do *kit gay*, a partir da intervenção das interfaces do WhatsApp, os conteúdos analisados podem ser sintetizados em seis tipos principais: indicações de conteúdo externo, que apenas direcionam o leitor a fontes fora do aplicativo, sem análise; comentários, que apresentam interpretações ou denúncias, por vezes apoiadas em *links*, imagens ou vídeos com aparência de factualidade; transposições de textos, nas quais matérias ou análises com estrutura jornalística são copiadas integralmente para o aplicativo; fios narrativos (*threads*), que articulam sequências de mensagens e fontes diversas para contextualizar eventos ou atacar personagens; conteúdos fora de contexto, que reutilizam materiais verídicos deslocados de sua situação original para sustentar determinada narrativa; e, por fim, o simulacro de jornalismo, caracterizado pela produção deliberada de textos que imitam formatos, linguagem e diagramação jornalística, frequentemente associados a sites ou blogs alinhados a discursos de deslegitimação da imprensa tradicional (Oliveira, 2020).

Os recursos de moderação existentes no WhatsApp à época da análise eram o bloqueio, a concessão de privilégios administrativos a outros usuários, a possibilidade de fixar mensagens e a exclusão de conteúdos. Os referidos recursos eram usados para convocar usuários à ação (*call-to-action*), fixar conteúdos pró-Bolsonaro, apagar conteúdos negativos ou considerados falsos pelos moderadores, ou banir usuários.

4.1 Interfaces e proximidade - Caso Kit Gay

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

Como aponta Cesarino (2022), os aplicativos de mensagens instantâneas fazem parecer que não há mediação. Abre-se espaço não apenas para a circulação de conteúdos de baixa qualidade informativa, mas para a reatualização de pautas e apresentação de testemunhos que vão, continuamente, reforçando a coesão grupal e a fúria contra adversários percebidos. Nesse sentido, dados analisados no WhatsApp indicaram altíssima adesão em torno da ideia falsa de que existia um material didático que estimularia/ensinaria a homossexualidade a crianças em idade escolar. A inserção repetida e contínua de mensagens apocalípticas como "o fim da família", "a destruição do futuro de crianças inocentes" ou "a destituição dos valores morais" difundiu medo entre a opinião pública, instigando reações inflamadas, irrefletidas e radicais.

Ao apelarem a riscos iminentes e catastróficos, que ampliam a sensação de desproteção e a angústia da sociedade, essas narrativas acabam promovendo agregação e mobilização, funcionando como uma espécie de chamado à salvação nacional. É o que aconteceu no grupo *Presidente Bolsonaro* (17 de outubro de 2018) quando um membro postou: "No DIA 21 VAMOS PARA AS RUAS EM TODO O BRASIL PORQUE NÓS SABEMOS O QUE ELES FAZEM PARA DESTRUIR NOSSAS FAMÍLIAS!". Mesmo quando um outro membro compartilhou um vídeo que denunciou serem falsas as denúncias envolvendo Fernando Haddad e o *kit gay*, um terceiro repacificou o debate: "Esses vídeos são verdades, Haddad que criou o kit gay".

Na sequência, um quarto usuário compartilhou uma imagem: "Haddad Pinóquio [emoji]". Neste caso específico, a moderação não precisou se manifestar: os próprios membros garantiram que não se questionasse os dogmas existentes, reforçando pânicos morais sobre a homossexualidade. Importa destacar, mais uma vez, que as mensagens distribuídas se moldam às limitações da própria interface.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

O *kit gay* também foi produzido por vídeos com relatos testemunhais. No dia 26 de outubro de 2018, às 7h54 – dois dias antes do segundo turno das eleições presidenciais – um membro do grupo *Presidente Bolsonaro* compartilhou um vídeo narrado por uma mulher que disse ter encontrado um senhor cujo filho recebera o material na escola. O vídeo é gravado na vertical e tem 1'53". Inicia enfocando a criança, vestida num uniforme escolar da Escola Jesus de Nazaré, e segurando o livro *Aparelho Sexual e cia*[12].

Nos grupos do Telegram, a produção de narrativas de endosso ao *kit gay* contou, ainda, com a participação de um *bot*: um usuário compartilhou o vídeo da matéria da Record nos dias 23 e 27 de setembro de 2018. Nas duas ocasiões, utilizou também um *bot* (recurso permitido pelo *app* para a gestão dos grupos) para transcrever o áudio da matéria, em uma provável tentativa de fazer o referido vídeo ser mais acessado, já que outros usuários não precisariam baixá-lo para saber seu conteúdo. A matéria da Record também foi muito compartilhada no WhatsApp por usuários pró-Bolsonaro.

Um dos aspectos mais problemáticos dessa estratégia é a construção de uma ameaça infundada — "crianças serão convertidas em gays e lésbicas" — que, fictícia, ativa e instrumentaliza afetos negativos em simpatizantes e apoiadores, incitando preconceitos e reações extremadas. Esses enredos ganham ainda mais força, a partir do entrelaçamento entre interface, *bots*, membros e outros atores, que consolidam esse tipo de enquadramento como verdades incontestáveis. Nesses grupos, a autoria é apagada (ou tratada como irrelevante), os conteúdos relacionados — que também geram ojeriza — são atualizados e as opiniões dissidentes excluídas.

[12] Trata-se de livro apresentado por Bolsonaro em sua entrevista no Jornal Nacional durante as eleições de 2018. Anteriormente, Damares Alves "denunciava" o livro em pregações em igrejas evangélicas.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

Nos casos aqui analisados, além de operar reforçando "verdades compartilhadas pelo grupo, essa atuação conjunta de interface e administradores ainda engaja os usuários. Isso envolve a organização de *hashtags* e convocações para que a militância se posicione por toda a rede; a fixação de mensagens específicas no cabeçalho do *chat*; marcação de campanhas de *deslikes*, dentre outras estratégias que unificam os membros e estão relacionados às interfaces das plataformas.

4.2 Interfaces, administradores e moderação — Caso Moro

Ser dissidente em grupos da militância bolsonarista resulta, certamente, em ações para se retirar do grupo. Para além da vigilância de outros usuários, os administradores também atuam de forma direta a conter dissidentes. Nesse processo, se valem de ferramentas oferecidas pela plataforma. Em termos de recursos permitidos pelo Telegram, o grupo possuía um bot que encaminhava as regras para novos usuários, impedia o envio de mídias em horários programados, apagava todas as mensagens postadas (todo o histórico do grupo), permitia afixar mensagens, rastrear termos pré-informados como "de esquerda", entre outros que se verá ao longo da análise. O debate sobre a renúncia de Moro no *Exército Bolsonaro* é um exemplo da atuação conjunta entre moderadores humanos e interfaces.

Até a data da saída, conforme observação e acompanhamento sistemático do grupo desde maio de 2019, Sérgio Moro era percebido como superministro e integrante fundamental do governo (Dibai, 2020). No geral, o ex-juiz era descrito como competente, atuante, honesto e aquele que "não se vende". Sua trajetória na Lava Jato era motivo de orgulho e exaltação. Durante todo o dia 22 e a manhã do dia 23 de abril de 2020, que

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

antecederam a demissão, ele foi construído como aquele que combate a corrupção e age "como um leão para cima dos governadores", em referência ao controle dos gastos relativos ao combate à proliferação do coronavírus. Nesses dois dias, Moro foi citado diretamente em 14 postagens, todas de teor positivo ou, no mínimo, neutro (perguntas ou citações sem valoração). Até aquele momento, o inimigo principal da comunidade era o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, e o seu partido, o Democratas (DEM). No dia seguinte, Moro agendou um pronunciamento às 11h. Enquanto a imprensa dava como certa sua saída do governo, os membros do grupo ainda duvidavam.

A véspera do pronunciamento de Sérgio Moro foi marcada por críticas à imprensa. Os participantes do grupo sugeriam que os rumores da saída do ministro eram uma ação coordenada da oposição. No grupo do Telegram, das 11h às 14h do dia 24 de abril, houve um confronto entre aqueles que lamentavam a saída do ministro e/ou criticavam Bolsonaro, de um lado, e aqueles que queriam restabelecer o apoio pleno ao presidente, de outro. Pela primeira vez, desde que se iniciou a observação da conversação, houve uma cisão na base de apoiadores, ainda que desproporcional e temporária.

As narrativas em favor de Moro giravam em torno de sua biografia (avaliada positivamente) e/ou da ideia de que sua imagem/trabalho produzia ganhos para Bolsonaro. Sua saída foi considerada uma "decepção", uma "grande perda", um "tiro no pé", uma "desgraça" ou um "erro". Ele foi tido como o "único homem sério que ainda estava ao lado do presidente". Seu "capital eleitoral" foi julgado imenso e recebeu elogios de "íntegro", "honesto" e "grande juiz".

Além disso, houve críticas expressas ao presidente, que estaria perdendo a credibilidade, "cuspindo no prato em que comeu", cometendo a "maior de todas as

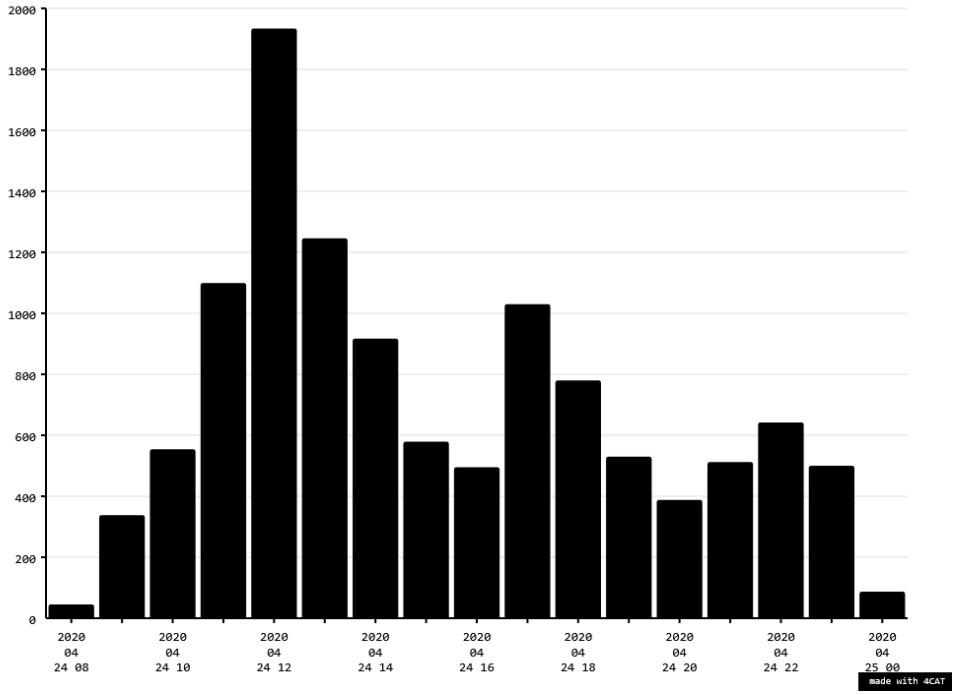
SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

burrices", perdendo aliados importantes e colocando o governo em risco. Alguns julgaram as denúncias como "gravíssimas" e mencionaram negativamente seus filhos, como aqueles "que não têm limites" ou "impedem o pai de governar". Houve menções diretas a Flávio Bolsonaro, que foi culpado pela crise. Algumas postagens protestaram ainda contra a proximidade de Bolsonaro com o Centrão.

Mesmo havendo tensão, a disputa narrativa não foi equilibrada. Os discursos favoráveis a Moro, mesmo explícitos, pareciam isolados, como se o usuário expressasse a sua opinião e manifestasse a sua indignação, mas não estivesse disposto a brigar ou debater com os demais. Já a turma do bolsonarismo hard, se apresentava vigorosa, ativa, postava um número maior de comentários, repetia a mesma ideia várias vezes, encarava os dissidentes e, quando não o fazia diretamente, convocava os administradores a expulsarem os inconformados.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

Imagem 1 - Número de mensagens publicadas por hora no dia 24/04/20, na comunidade Exército Bolsonaro (Telegram)



Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

Nas primeiras três horas, houve uma quebra no padrão da comunicação e vivência do grupo, cujo partidarismo elevado tendia sempre a corroborar, legitimar e propagandear positivamente o presidente, independentemente de seu comportamento, tema e conflito gerado. Nem mesmo questões drásticas, como a defesa da intervenção militar, que circulou duradouramente no grupo (Dibai, 2020), ou a negligência sobre a gravidade da pandemia de coronavírus – que o presidente considerou uma "gripezinha" –, provocaram cisões expressivas na base de apoio, como se viu na saída de Moro do governo.

A unificação da base

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

"Como q é fora Bolsonaro? Olha esse aí gente.. administrador". Às 13h42 do dia 24 de abril de 2020, a militância se questionava o que teria levado Sérgio Moro a anunciar sua saída do governo Bolsonaro. Das 11h até às 15h, pico das mensagens, muitas narrativas disputavam primazia em um grupo que perdera um dos principais apoiadores políticos. A unificação da base, como se verá, se deu não somente pela mobilização de pânicos e afetos políticos, mas pelos recursos das interfaces, acionados pelos administradores.

Quando se analisa as contas com maior número de postagens no dia, as duas primeiras são de administradoras: C., com 269, e M., com 238 mensagens. Não somente elas apresentaram explicações sobre a saída do ex-ministro, como atenderam inúmeros pedidos de banimento. Não se trata, portanto, de uma postura desvinculada ou distinta daquela esperada pelo grupo: "Está sem parar a ladainha desses direitas que são canhotos. Um inferno! As meninas M. e C. [administradoras] estão o tempo todo respondendo, os membros também, os mimizentos ficam na mesma tecla". O Quadro 2 traz exemplos de interações das administradoras:

Quadro 2 - Descrição das ações das administradoras do grupo

Horário	**Adm**	**Mensagem**
9h25	M.	□Para não restar dúvidas:□ ✓ESSE GRUPO É DE APOIO SOMENTE AO BOLSONARO ✓ANTES DE PENSAR EM CRITICAR O MITO, CAIA FORA ✓MORO NÃO PEDIU DEMISSÃO

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

9h47	C.	Pessoal! Vamos mudar o foco, STF votará a legalização do aborto #VidaSimAbortoNão
9h56	C.	Vamos aguardar até as 11:00. Enquanto isso vamos cobrar STF . Hoje votação importante sobre a legalização do aborto. Quem tem Twitter, de uma força na tag
10:12	C.	Afinal o grupo foi criado para isso! Apoio.
10h15	C.	Faltam 2:00 para a coletiva do Ministro, ajudem na tag contra o aborto. #VidaSimAbortoNão
11:36	M.	Calma amigo, estamos tirando os mimizentos
12:59	C.	Vamos aguardar um pouco! Estamos tirando os esquerdas
13:13	C.	/ban
14:25	C.	Bora deixar de Seguir Moro !
15:54	M.	□Pessoal, não estamos enviando link do grupo por enquanto□
16:23	M.	Não estamos enviando link por enquanto
16:58	M.	O link para o pronunciamento está fixado no grupo
17:05	M.	O link do pronunciamento está fixado no grupo
17:55	M.	Olha a tag #FechadoComBolsonaro
17:57	M.	Vamos no Twitter #FechadoComBolsonaro
17:55	M.	Olha a tag #FechadoComBolsonaro
18:02	C.	Me ajudem na tag pessoal! #FechadoComBolsonaro
18:06	M.	Saiam daqui, vão pro Twitter #FechadoComBolsonaro
22:18	M.	Quer ban?

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

22:50	M.	Já bani
22:53	M.	Claro que não. Tivemos até que fechar o grupo. Vários traíras
23:15	M.	Aqui direcionamos as pessoas pro Twitter
23:18	M.	#FechadoComBolsonaro
23:22	M.	Acho que foram uns 350, 400, porém metade foi banimento

Fonte: Produzido pelos autores, 2026.

As interações das administradoras, registradas no Quadro 2, permitem resgatar ações que não são registradas no histórico do Telegram e, muitas vezes, ficam esquecidas nas análises. Durante os debates mais calorosos, o grupo foi fechado tanto para evitar a entrada de novos usuários quanto para postagem de conteúdos (dois recursos diferentes: ausência de autorização de ingresso e timeline bloqueada). Proibir novos membros garantiria, na visão dos administradores, que o grupo não fosse invadido por militantes de esquerda ou "sequestrado"[13]. Se novos defensores de Moro entrassem, seria ainda mais difícil garantir a conformidade ideológica.

Outra estratégia usada pelas administradoras foi a proibição de novas postagens. "Claro que não. Tivemos até que fechar o grupo. Vários traíras", relatou M. a um dos membros. Vale apontar que não se trata de estratégia inédita: no grupo, o envio de mídias tornou-se proibido durante as madrugadas (recurso também permitido pela interface). A

[13] Existe, nos grupos on-line de mensageiros, uma disputa pelo controle administrativo das ferramentas. Para tanto, alguns eleitores da esquerda se fazem passar por pessoas da ultradireita, ou ofendem outros membros do grupo, de quem são "cúmplices". A pessoa ofendida, que está há mais tempo no grupo, solicita ao administrador poderes de moderação para auxiliar a reduzir debates e ofensas no grupo. Quando recebe, o grupo é excluído ou "tomado". Matéria do The Intercept Brasil que relata esse processo está disponível em https://theintercept.com/2019/04/24/grupos-whatsapp-bolsonaristas/.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

justificativa da administração à época é de que invasores poderiam postar pornografia ou outro conteúdo proibido.

Também foi possível identificar o uso do banimento como ferramenta para organizar o debate e garantir a consonância. Com o apoio dos próprios membros, as dissidências eram eliminadas. Ao fazer um levantamento do número de pessoas que saíram do grupo, M. diz que "Acho que foram uns 350, 400, porém metade foi banimento". A eficiência dessas estratégias – além, claro, do silenciamento promovido pela vigilância voluntária da própria comunidade – garantiu que, algumas horas depois, o discurso se estabilizasse. Três principais tópicos demonstram a construção da consonância, como apresentado no Quadro 3:

Quadro 3 - Tópicos sobre o resgate da consonância

Hora	**Tópico**	**Termos**
Dia inteiro	1	Arrasada, tática, saul, voteiembolsonaro, deputado, copolla
	2	Euvoteiembolsonaro, indicação, peito, comerciantes
	3	Prints, JB, Curitiba, Zambelli, plano
11h	1	Dor, coração, [menção a uma administradora], perdendo, lados [luto pela saída do ministro e chamada pela intervenção da administradora]
	2	Político, cargo, nação, direita, Guedes, mídia, esquerdista, credibilidade [dúvida acerca das notícias sobre a saída de Moro]
	3	Ministros, ninguém insubstituível, PF, pronunciamento, fraco [crítica ao ex-ministro Sérgio Moro]
12h	1	Jogada, família, lados, pensou, insubstituível, amém [ruído]

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

Hora	**Tópico**	**Termos**
	2	Adélio, JB, soltaram, [menção a uma administradora],. [próximos] capítulos, Valeixo, descobriu, costas [narrativa que Moro traiu Bolsonaro facilitando a liberdade de Adélio Bispo, promovida por uma das administradoras]
	3	Interferência, traiu, [Bolsonaro quem foi] eleito, fraco, credibilidade [críticas a Sérgio Moro]
13h	1	Patriotas, louco, [esperar Bolsonaro se] pronunciar, impeachment
	2	Exército, ban [banimento], defendendo [esquerdista], bolsonarotemrazão, traíra, soltaram presos [movimento para retomar a 'fidelidade' a Bolsonaro e pedir que dissidentes sejam excluídos do grupo]
14h	1	Fechadocombolsonaro, bolsonarotemrazão, justiça, cargo, ministério, foramaia [grupo coeso por Bolsonaro e contra os inimigos]
	2	Valeixo, político, igual, foramaia, estratégia [grupo que reverbera a saída de Moro e aponta estratégia de Bolsonaro]

Fonte: produzido pelos autores, 2026.

O caso Moro produziu um desdobramento interessante: a ideia de que havia dois times incompatíveis, que não podiam mais conviver no mesmo espaço. A cisão rendeu banimentos (exclusão pelos administradores) e desfiliações (quando o próprio usuário se desvincula), com uma baixa no número de membros de, aproximadamente, 1.100. Embora não seja percentualmente expressivo (menos de 4% do total de perfis existentes), essa queda é relevante em função do ineditismo, não tendo ocorrido em nenhuma outra circunstância desde que se acompanhava o grupo, há 14 meses.

De forma geral, houve certa euforia e expectativa em torno do que chamaram de "limpeza do grupo", com mensagens que encorajavam e apelavam aos administradores para retirar os descontentes. Nesse sentido, os próprios integrantes marcavam suspeitos e

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

faziam denúncias. A cúpula da comunidade, por sua vez, reforçou esse sentimento de 'caça às bruxas', anunciando de forma jocosa que 'baniram (ou "pescaram") o dia todo'. O processo de exclusão de usuários foi construído como algo necessário e sem constrangimento, justificado na ideia: "se não é Bolsonaro, saia".

É claro que banimentos e debandadas são comportamentos cotidianos em grupos on-line, no entanto, chamou a atenção a forma massiva como ocorreram, bem como os sentimentos manifestados: pavor à divergência, prazer em descartar os diferentes e intensa sensação de ameaça, como se o bolsonarismo estivesse em risco. É importante pontuar que os recursos de moderação do Telegram que permitiram tais banimentos, atrelados à proposição dos administradores de que Moro havia traído Bolsonaro, foram decisivos para a geração de pânicos e o consequente reforço ao líder.

Especula-se que se a mesma disputa se desse no Instagram, rede orientada para outro tipo de conversação e pautada no engajamento, o debate e o dissenso sobre a saída de Moro continuaria e não seria tão facilmente debelado. A interface dos grupos os torna espaços distintos e específicos que permitem não apenas avolumar radicalismos partidários, mas fomentá-los constantemente.

5 Considerações

A análise realizada neste artigo permitiu compreender de que forma a desinformação e o pânico moral em grupos bolsonaristas no WhatsApp e no Telegram estão diretamente associadas tanto às condições oferecidas pelas interfaces de moderação quanto à atuação de moderadores humanos. O caso da saída de Sérgio Moro do governo Bolsonaro, em abril de 2020, revelou como um evento factual pode desencadear cascatas

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

de (des)informação e pânicos digitais, nos quais milhares de mensagens disputam sentidos e narrativas em poucas horas.

Observou-se que a combinação entre a materialidade das plataformas — recursos que permitem formas específicas de gestão dos grupos, seja por meio de banimentos, exclusões em massa, anonimato parcial, destaque a mensagens específicas etc. — e a ação ativa de administradores produziu um ambiente de forte controle discursivo e de rápida reconfiguração da militância em torno da lealdade ao presidente.

Do ponto de vista metodológico, o estudo mostrou a relevância da inserção em grupos públicos para a coleta de dados, mas também apontou suas limitações. A busca por convites em buscadores e plataformas, embora amplie o acesso a diferentes comunidades, não garante representatividade do universo pesquisado, já que não se conhece a totalidade dos grupos existentes. Além disso, o volume de mensagens — mais de 40 mil apenas no episódio analisado — impõe restrições à observação integral e exige recortes específicos, bem como adaptações metodológicas. Estratégias como a análise por evento (Bucher, 2018) e o uso combinado de procedimentos quantitativos e qualitativos mostraram-se importantes para contornar barreiras e oferecer maior precisão interpretativa.

Em termos de resultados, verificou-se que a circulação da desinformação não ocorre apenas de maneira desordenada ou espontânea, mas é organizada por dinâmicas coletivas que articulam recursos técnicos e intervenção humana. Moderadores, ao mesmo tempo em que aplicam sanções e definem fronteiras discursivas, também produzem narrativas “oficiais” que reduzem a dissonância cognitiva e pressionam por consensos. As interfaces, por sua vez, ao disponibilizar ferramentas de gestão, participam ativamente

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

da formatação do debate, favorecendo a homofilia, a radicalização e a viralização de conteúdos falsos ou conspiratórios. Assim, confirma-se a hipótese de que plataformas não funcionam apenas como veículos de circulação, mas como agentes estruturantes da própria desinformação. Com isso, os achados apresentados tensionam abordagens que tratam plataformas como infraestruturas neutras, evidenciando seu papel ativo na organização da ação política extremista.

Conforme se identificou, a interface do WhatsApp favorece a formação de grupos mais coesos e oferece condições para atualização de conteúdos antigos — fazendo com que pareçam recentes, ao passo que facilita o anonimato. O Telegram, por sua vez, oferece recursos mais robustos em termos de privacidade e sigilo da identidade, possibilitando que os usuários ocultem seu número de telefone, nome e outras informações pessoais. Em termos de funcionalidades, o Telegram permite a criação de grupos com até 200 mil membros, além de oferecer ferramentas avançadas de moderação, como permissões granulares e o uso de bots programáveis.

No que se refere aos moderadores humanos, a análise evidencia sua atuação tanto na exclusão de conteúdos e membros dissidentes quanto na promoção de conteúdos falsos e na ativação de pânicos morais. Além disso, esses agentes frequentemente se apresentavam como figuras próximas ao presidente ou como seus porta-vozes, performando autoridade e legitimidade no interior dos grupos. Quando Moro deixou o governo, por exemplo, foram os responsáveis por apresentar uma narrativa “oficial” que vulgarizou a imagem do ex-ministro, fortalecendo a de Bolsonaro.

É possível inferir, considerando os resultados relacionados ao *kit gay*, que a circulação e construção de pânicos está ligada também ao que as plataformas permitem e

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

aos recursos de moderação. Pânicos preexistentes e novos pânicos surgem não apenas como resultado do debate público nos grupos on-line ultrapartidarizados, mas do apagamento de mensagens, da fixação de postagens de *call-to-action* e do próprio banimento de discordantes.

Por fim, este trabalho contribui para a compreensão das relações entre desinformação, engajamento político e pânicos morais na extrema direita brasileira, no interior de comunidades on-line. Ao evidenciar o papel das interfaces e dos moderadores na sustentação e reorganização da base bolsonarista em momentos de crise, lança-se luz sobre os riscos que tais dinâmicas representam para a democracia: o reforço da polarização, a produção de ódio social, a difusão de boatos e a deslegitimação de instituições. Estudos futuros podem aprofundar a análise comparativa entre diferentes plataformas e eventos, bem como explorar estratégias de enfrentamento capazes de mitigar o impacto das campanhas de medo e manipulação sobre o espaço público digital.

Recebido para publicação em 05/01/2026.
Aceito para publicação em 13/05/2026.
Editor Chefe: Renato Francisquini Teixeira

DISPONIBILIDADE DE DADOS:
Considerando a natureza sensível dos dados (mensagens na íntegra, não anonimizadas, publicadas em um grupo de Telegram), não haverá disponibilização dos dados.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA:
Priscilla Dibai - conceitualização, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia e escrita do artigo – esboço original, revisão e edição.
Frederico Oliveira - conceitualização, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, visualização e escrita do esboço original do artigo e sua revisão.

CONFLITO DE INTERESSE
Os(as) autores(as) declaram que não há conflito de interesse.

Referências

ALBUQUERQUE, Afonso; ALVES, Marcelo. Bolsonaro's hate network: from the fringes to the presidency. In: STRIPPEL, Christian; PAASCH-COLBERG, Sunge; EMMER, Martim; TREBBE, Joachim (org.). **Challenges and perspectives of hate speech research**. Berlin, 2023. p. 27–42. DOI: 10.48541/dcr.v12.2.

BACARELLA, Christian *et al*. Social media? It's serious! Understanding the dark side of social media. **European Management Journal**, [S.l.], v. 36, n. 4, p. 431-438, ago. 2018.

BAKIR, Vian; MCSTAY, Andrew. Fake news and the economy of emotions. **Digital Journalism**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 154-175, 2017.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Inquérito. **Inq 4828/DF**. Relator: Ministro Alexandre de Moraes. Autor: Ministério Público Federal; sob sigilo. Procuradores: Procuradoria-Geral da República; sob sigilo. 2020-atual. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=5895367>. Acesso em 23 jan. 2023.

BUCHER, Tania. **If… then**: algorithmic power and politics. New York: Oxford University Press, 2018.

CALVO, Ernesto; ARUGUETE, Natalia. **Fake news, trolls y otros encantos**: cómo funcionan (para bien y para mal) las redes sociales. [S.l]: Siglo XXI Editores, 2020.

CANAVILHAS, João; COLUSSI, Juliana; MOURA, Zita-Bacelar. Desinformación em las elecciones presidenciales 2018 em Brasil: un análisis de los grupos familiares en WhatsApp. **El profesional de la información**, [S.l], v. 28, n. 5, 2019.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2ª edição, 2013.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista de Antropologia (USP-SP)**, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019.

CESARINO, Leticia. Antropologia digital não é etnografia: explicação cibernética e transdisciplinaridade. **Revista Civitas**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 304-315, maio-ago. 2021.

CESARINO, Leticia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu, 2022.

CHAGAS, Viktor. Eleições no WhatsApp: a atuação de redes conservadoras em ambientes de campanha opaca e ecossistemas midiáticos híbridos. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 32., 2019, Lima. **Anais…** Lima: Asociación Latinoamericana de Sociología, 2019.

CHIARINI, Tulio; SILVA NETO, Victo; PEREIRA, Larissa; SZIGETHY, Leonardo. Plataformas Digitais: Mapeamento semissistemático e interdisciplinar do conhecimento produzido nas universidades brasileiras. Brasília: **Ipea**, 2023. (Texto para Discussão, n. 2829).

COHEN, Stanley. **Folk devils and moral panics**: the creation of the Mods and Rockers. 2. ed. London: Taylor & Francis e-Library, 2011.

CRITCHER, Charles. Commentary: moral panics yesterday, today and tomorrow. In CREE, Viviene; CLAPTON, Gary; SMITH, Mark. Revisiting Moral Panics. Policy Press, 2015, xvii-xxxvi.

DIBAI, Priscilla. **Bolsonarismo on-line**: "**Com ou sem democracia, salvemos o capitão**!". Tensões Mundiais, [S. l.], v. 16, n. 30, p. 177–211, 2020.

DIBAI, Priscilla. **À base do medo: a política do pânico moral na comunicação on-line da direita radical no Brasil**. 2024. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2024.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era digital**. São Paulo: Paulus, 2024.

GOODE, Erich; BEN-YEHUDA, Nachman. **Moral panics**: the social construction of deviance. 2. ed. Malden: Wiley-Blackwell, 2009.

HALL, Stuart; CRITCHER, Charles; JEFFERSON, Tony; CLARKE, John; ROBERTS, Brian. **Policing the crisis: mugging, the state, and law and order**. The Macmillan Press, 1978.

HERRADA HIDALGO, Nicolás; SANTOS, Márcio; BARBOSA, Suzana. Affordances-driven ethics for research on mobile instant messaging: notes from the Global South. **Mobile Media & Communication**, v. 12, n. 3, p. 475–498, 2024.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

LEE, Kate Sangwon; WEI, Huaxin. Design factors of ethics and responsability in social media: a systematic review of literature and expert review of guiding principles. **Journal of Media Ethics**, [S.l], v. 37, n. 3, p. 156-178, 2022.

LEMOS, André. Plataformas, Dataficação e Performatividade Algorítmica (PDPA): desafios atuais da cibercultura. *In*: PRATA, Nair; PESSOA, Sônia Caldas (Orgs.). **Fluxos comunicacionais e crise da democracia**. São Paulo: Intercom, 2020, p. 107-116

LIGHT, Ben; BURGESS, Jean; DUGUAY, Stefanie. The walkthrough method: an approach to the study of apps. **New Media & Society**, [S.l], v. 20, n. 3, p. 881-900, 2018.

MACHADO, Caio. Vieira *et al*. **Ciência contaminada**: analisando o contágio de desinformação sobre coronavírus via YouTube. Salvador: LAUT; INCT.DD; CEPEDISA, 2020. Disponível em: <https://laut.org.br/ciencia-contaminada.pdf?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=cincia_contaminada>. Acesso em 11 jan. 2023.

MACHADO, Carla. **Pânico Moral: Para uma Revisão do Conceito**. Interacções, n. 7, 2004, p. 60-80.

MAHL, Daniela; SCHÄFER, Mike S.; ZENG, Jing. Conspiracy theories in online environments: an interdisciplinary literature review and agenda for future research. **New Media & Society**, OnlineFirst, 8 de fevereiro de 2022.

MELO, Phillipe *et al*. Relatório Eleições Presidenciais de 2018: relatório Monitor de WhatsApp. **Monitor de WhatsApp da UFMG**, 2020. Disponível em: < http://150.164.214.48/monitor-de-whatsapp/data/reports/pdfs/2018_06_report_geral_eleicao_presidencial.pdf>. Acesso em 25 jan. 2023.

MELO, Philipe de Freitas *et al*. Can WhatsApp counter misinformation by limiting message forwarding? *In*: CHERIFI, Hofine *et al*. (Eds). **Complex networks and their applications VIII**: Volume 1: Proceedings of the Eighth International Conference on Complex Networks and their application. [S.l]: Springer, 2020.

MIGUEL, Luis Felipe. *O mito da "ideologia de gênero" no discurso da extrema direita brasileira*. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 62, e216216, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/18094449202100620016. Acesso em: 25 mar. 2024.

O'CONNOR, Callin; WEATHERALL, James Owen. **The misinformation age**: how false beliefs spread. New Haven; London: Yale University, 2019.

OLIVEIRA, Frederico. **As fake news e a produção jornalística de referências**. 2023. 382f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

OLIVEIRA, Frederico. Fake news no WhatsApp: relações entre interface e formatos de circulação de conteúdos falsos. *In*: ENCONTRO VIRTUAL DA ABCIBER, 1, 2020. **Anais** [...], São Paulo: Abciber, 2020, p.1-16.

OLIVEIRA, Frederico; LEMOS, André. Como as plataformas produzem desinformação: interfaces, algoritmos e conteúdos falsos. **Contracampo**, Niterói, v. 44, n. 2, p. 1-23, 2025.

PIAIA, Victor; ALVES, Marcelo. Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, [S.l], v. 43, n. 3, p. 135-154, 2020.

PIAIA, Victor; MATOS, Eurico; DOURADO, Tatiana; BARBOZA, Polyana; ALMEIDA, Sabrina. Ethical issues in WhatsApp research: notes on political communication studies in Brazil. **Revue française des sciences de l'information et de la communication**, n. 25, 2022.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DJICK, José. Plataformização. **Fronteiras**: estudos midiáticos, [S.l], v. 22, n. 1, p. 2-10, jan.-abr. 2020.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de fake news: um estudo de caso do Twitter. **Galáxia**, São Paulo, n. 41, p. 31-47, mai.-ago. 2019.

SUNSTEIN, Cass R. **On rumors**: how falsehoods spread, why we believe them; what can be done. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2009.

TANDOC, Edson C.; LIM, Zheng Wei; LING, Richard. Defining "Fake News": a tipology of scholarly definitions. **Digital Journalism**, [S.l], v. 6, n. 2, p. 137-153, 2017.

TORRES, Russel; GERHART, Natalie; NEGAHBAN, Arash. Combating fake news: an investigation of information verification behaviors on social networking sites. In: HAWAII INTERNATIONAL CONFERENCE ON SYSTEM SCIENCES, 51, 2018, Waikoloa Village. **Proceedings…** HICSS, 2018, v. 51.

WALSH, James; HILL, Dallas. Social media, migration and the platformization of moral panic: Evidence from Canada. **The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 29, n. 3, 2023, p. 690-712.

WEITZER, Ronald. The campaign against sex work in the United States: A successful moral crusade. **Sexuality Research & Social Policy: A Journal of the NSRC**, v.17, n.3, 2020, p. 399–414.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17190

Priscilla Dibai
Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. É bolsista pós-DOC pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Disputas e Soberanias Informacionais (INCT/DSI).

Frederico Oliveira
Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. É tecnologista no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) e pesquisador associado ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.DD).

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.